

## OS TEMAS E AS FIGURAS NO POEMA “A CATECÚMENA”, DE ADÉLIA PRADO

Raíne Simões MACEDO<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente estudo objetiva analisar o nível discursivo do poema *A Catecúmena*, de Adélia Prado, sob o prisma da Semiótica Greimasiana, a fim de determinar os temas e as figuras do poema. Esta pesquisa tem como referencial teórico Barros (2007), Durkheim (1989), Greimas (1975), dentre outros. Diante da análise, ficou perceptível, por meio dos mecanismos discursivos, que a tematização consiste na incorruptibilidade da carne e que a autora utiliza o “corpo” como figurativização deste tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semiótica Greimasiana; Tematização; Figurativização; Religião.

### Introdução

Muito se questiona se as pessoas necessitam mesmo da arte, se as escolas, por exemplo, ainda devem inseri-la em seu currículo. Ainda assim, nota-se que todos sempre apreciam alguma produção artística seja uma música, um filme, uma novela, um quadro. Se o tempo inteiro, o ser humano busca a arte é porque há nele uma necessidade dela. Todavia, para que serve a arte? Para Fischer (1973), ela possibilita ao homem muito mais que a compreensão da realidade, permite-o transformá-la em mais humana e não apenas suportá-la como tal. Por isso, o ensaísta defende que a arte é uma realidade social e o artista, um supremo feiticeiro de relevante função social, pois, ao possibilitar ao homem compreender-se numa totalidade humana, a arte constitui-se tanto do belo quanto do feio, do que é concreto e palpável e do que é abstrato, das limitações e das possibilidades humanas, do revelado e

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), DCHT-Campus XXII, Euclides da Cunha, Bahia, Brasil. Especializanda no 3º período, turma 2016.2, em Linguística e Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil. Orientadora: Profa. Msa. Camila Leite Oliver Carneiro, Profa. Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia, Campus II, Alagoinhas, Bahia.

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

do mistério. Este poder de humanizar, segundo Adélia Prado, ocorre porque a arte

mostra não a aparência (que já está na natureza), mas nos induz – pela emoção que nos causa – à intimidade, à alma das coisas e à nossa própria intimidade [...] Ela faz com que eu me reconheça: como quando você diante de um livro diz: "Meu Deus, como pôde esse autor tocar nisso? Só eu sentia isso..." e aí mora a universalidade da obra de arte: espelhar a humanidade, o que nos é comum. E nada mais comum em nós do que nossos desejos e afectos: queremos ser felizes, temos medos, temos compaixão, ódio, ira... é esse material que faz a obra de arte: ela não é um pensamento filosófico, ela expressa o que sentimos, o que é humano. Por isso ela me alimenta, porque dá significação e sentido à minha vida [...] Nós somos finitos, nós passamos; mas a obra de arte não sofre esse desgaste, ela está fora do tempo. Uma emoção muito profunda que você teve, qualquer coisa que te comoveu; comoveu e passou. Mas, quando aquilo é apreendido por uma obra de arte, a obra segura o tempo: "Graças a Deus que agora posso me lembrar" (2009, web).

A autora Adélia Luzia Prado de Freitas, nascida em 1935, é poetisa, filósofa, professora e contista brasileira. Seus escritos em muito revelam sua crença pelo motivo de quase sempre utilizar uma linguagem religiosa, além de fazer menção a um Deus Criador e Salvador. Ademais, a poetisa escreve sobre coisas do cotidiano de maneira encantadora, constituindo, assim, seu próprio estilo. Ainda é válido destacar que sua obra é ligada ao Modernismo e contribui para este movimento por representar a revalorização da mulher no espaço literário como um ser pensante.

De forma paralela à necessidade da arte para se expressar e recriar a realidade, está a precisão que o homem tem de uma religião ou, à grosso modo, de algo/alguém que o faça ir para além do que o seu eupode ir. Esta pode ser evidenciada através de ritos, mitos, escritos sagrados, pinturas, músicas, poesia que acompanham o homem, desde os primórdios.

Desse modo, ao considerar a necessidade e função da arte para o ser humano e compreender que a mesma vai muito além da representação da realidade ou de um fenômeno religioso (no caso da literatura religiosa), se propõe analisar o nível discursivo do poema *A catecúmena*, de Adélia Prado, através do percurso gerativo de sentido da Semiótica Greimasiana. Esta análise se faz com o intuito de responder a seguinte problemática: como os sentidos do texto são tematizados e figurativizados neste poema?

Por isso, escolher Adélia Prado para tratar do fenômeno religioso na literatura brasileira é de grande valia, pois se percebe que a autora investe em criação e recriação desta relação em seus poemas. Para tanto, optou-se por uma metodologia qualitativa, segundo Minayo (1999), pois a análise deste artigo trata de linguagem, a qual é por natureza subjetiva e constituinte de um universo de significados, valores, crenças inerentes ao homem.

Assim, fez-se necessário, no desenvolvimento deste estudo, contextualizar a relação entre poesia e religião (ou mística conforme Adélia Prado denomina) na seção *Religião e Poesia: braços do mesmo rio*; explorar os conceitos e metodologia da teoria de análise discursiva chamada Semiótica Greimasiana na seção *A Semiótica do Texto*; analisar o poema *A Catecúmena* por meio do percurso gerativo de sentido na seção *O percurso gerativo de sentido*; aprofundar a análise do poema na seção *Temas e Figuras em A Catecúmena*; e, por fim, trazer as *Considerações Finais* a respeito da análise do texto.

## **1. Religião e poesia: “braços do mesmo rio”**

Segundo Azevedo (2010), etimologicamente, um dos significados da palavra religião, do grego *religare*, é religar. Este termo passou por muitas mudanças no Ocidente, ao longo dos séculos, porque era utilizado para mencionar tanto a fé cristã como as ditas pagãs. Mas, vale destacar que, nesta seção, o termo religião não está atrelado a nenhuma religião específica, nem mesmo tem o objetivo de se atribuir algum juízo

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

de valor sobre uma ou outra, mas de contextualizar o mais abrangente conceito de religião como algo inerente ao viver do homem, do seu cotidiano e de sua história. Este posicionamento baseia-se, portanto, nas seguintes palavras de Durkheim (1989, p. 31): “não há [...] religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras à sua maneira: todas respondem, ainda que de maneiras diferentes, a determinadas condições da vida humana”. Assim, por exercer um papel social, a religião está atrelada também à cultura que permeia as condições de vida dos indivíduos, independente de sua denominação religiosa.

Esta reflexão e definição acerca da religião podem ser observadas nas mais variadas produções artísticas – na literatura, na música, nas pinturas, nos ditos populares, etc. Esta pluralidade, na qual a religião também perpassa, ocorre porque o objetivo da arte não é simplesmente copiar a realidade, mas conceder ao homem uma estatura que transcende a simples conformação do seu meio.

Para aprofundar esta intrínseca relação entre literatura e religião, construída a partir do anseio que o homem tem de ir para além de si mesmo, Adélia Prado defende que “o fenômeno poético é religioso em sua natureza. A poesia, independentemente da crença ou não-crença do poeta, nos liga a um centro de significação e sentido, assim como o faz a fé religiosa” (PRADO, 2014, web). Daí a sugestão do título desta seção: *Religião e Poesia: braços do mesmo rio*, pois segundo a mesma poetisa, “Mística e poesia são braços do mesmo rio”, as duas têm origem comum.

No entanto, por ser um termo confundido por muitos pela ambiguidade que carrega e pelo uso que se dá tanto dentro como fora do assunto religioso, propõe-se trazer um conceito de “mística” que interessa ao presente estudo, principalmente, em relação à poesia de Adélia Prado:

A mística, como se sabe, aponta essencialmente para uma experiência, para algo que escapa a uma definição clara [...] Nas línguas modernas, o termo mística é uma transcrição do

adjetivo grego *mistikós*, que deriva da raiz indo europeia *my*, presente em *myein*, que significa fechar os olhos e fechar a boca, vindo daí o termo “míope”, “mudo” e “mistério”. Mas é dessa linha que se chega a algo oculto, não acessível à vista, do que não se pode falar através das ciências (COSTA JÚNIOR, 2012, p. 124).

Complementando as palavras de Costa Jr. (2012), faz-se menção ao capítulo “Arte como experiência religiosa”, do livro organizado por Massimi e Mahfoud (1999), que também pontuam o encontro entre poesia e mística quando o homem se depara com o impossível e, por esta razão, precisa repousar e este repouso só é possível no mistério. Neste caso, dito de outro modo, a mística, assim como o mistério, se relaciona a uma experiência de vida interior e profunda.

Além disso, Adélia Prado expõe algumas características da poesia mística que precisam ser mencionadas: a “ausência de sentido” na arte, característica desta relação entre a poesia e o misterioso; a linguagem nova da arte, pois “a linguagem poética desvela o ser e me dá ele na sua palpitação íntima, na sua transcendência” (MASSIMI; MAHFOUD, 1999, p. 20); o paradoxo, “necessário para se dizer o que é quase impossível de ser dito” (MASSIMI & MAHFOUD, 1999, p. 22). Considerando tais conceitos e aspectos, é possível compreender o que Adélia Prado pretende significar ao escrever que a poesia e a experiência religiosa são braços do mesmo rio.

Desse modo, tendo contextualizado a ideia central da obra e os termos religião e poesia na perspectiva adeliana, é necessário começar a análise de um poema em especial, *A Catecúmena*, mas antes, serão discorridas algumas considerações sobre como a Semiótica Textual foi fundada, seu objeto de estudo e sua metodologia de análise.

## 2. Algumas palavras sobre a Semiótica Textual

Sabe-se que a teoria de Análise do Discurso (doravante AD) tem uma longa história, mas só a partir de 1970 é que ganha destaque por sofrer transformações acerca do conceito de “fala”, por exemplo, a qual

era concebida como individual e desnecessária à AD. De linguística da frase, portanto, a teoria da AD – de linha francesa, vale dizer – passa para linguística do texto, ou seja, o texto agora é entendido como uma unidade maior de sentido.

É nesse período de aproximação cada vez maior aos estudos de discurso, que, nos anos 70, Greimas, Pottier e Courtés mais seus discípulos, fundaram a Escola Semiótica de Paris e desenvolveram a teoria que se chama, atualmente, de Semiótica Narrativa, Semiótica Discursiva, Semiótica Textual ou Semiótica Greimasiana. Baseada nos estudos saussurianos e hjelmslevianos sobre a teoria dos signos, o plano de expressão e de conteúdo, bem como nas concepções estruturalistas de Lévi-Strauss, a Semiótica se apresenta, ainda hoje, pelos semioticistas como um projeto científico em construção. Para não ser confundida com a Semântica, que estuda o significado, ou com a Fonética/Fonologia, que estuda o significante, a Semiótica passou a ter a significação como objeto de estudo, ou seja, o resultado da relação de dependência entre os planos de conteúdo e de expressão (BATISTA, 2003).

Por esse motivo, para analisar qualquer texto a partir de uma leitura semiótica greimasiana, é preciso investigar níveis acima e abaixo dos signos, aspectos internos e externos de forma consistente, por meio de um conjunto de regras, de sua própria gramática, do percurso gerativo de sentido em textos, conforme será explicitado no decorrer deste artigo (VASCONCELOS, 2011). Mas, para prosseguir é necessário, antes, diferenciar texto de discurso.

Para Greimas (1975), se existe uma estrutura constituída por distintos elementos que, articulados, concebem um texto coeso e coerente, então se pode dizer que se tem um texto. Mas discurso, seguindo a metodologia de análise utilizada pela Semiótica Greimasiana, “nada mais é, portanto, que a narrativa ‘enriquecida’ por todas essas opções do sujeito da enunciação, que marcam os diferentes modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que enuncia” (BARROS, 2007, p. 53), e é analisado no último nível do percurso gerativo de sentido (o mais superficial e mais próximo do que

se pode chamar de manifestação textual). Mas quais são essas opções e o que se entende por enunciação?

As estruturas narrativas, quando assumidas pelo sujeito da enunciação, transformam-se em estruturas discursivas, justamente porque o sujeito opta por “uma série de ‘escolhas’, de pessoa, de tempo, de espaço, de figuras, e ‘conta’ ou passa a narrativa, transformando-a em discurso” (BARROS, 2007, p. 53). Acerca da enunciação, Fiorin (2014, p. 162) cita Benveniste (1974) para defini-la como “a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização, ou seja, um falante utiliza-se da língua para produzir enunciados”. Para explicar as articulações entre o discurso e suas condições históricas e sociais de produção e recepção, é preciso mais que uma análise interna, pois “A enunciação assume, assim, sua dupla tarefa de mediação, entre as estruturas sêmio-narrativas e as estruturas discursivas e entre o discurso e o contexto sócio-histórico” (BARROS, 2001, p. 142).

Afastando-se da mera descrição do que o texto diz, a Semiótica, inicialmente, propôs analisar somente a forma como o texto diz o que diz, mas, posteriormente, se dispôs a investigar para que o texto diz o que diz. Estes passos teóricos podem ser reconhecidos na ampliação do modelo do percurso gerativo de sentido, pois, atualmente, os estudos semióticos do texto não se prendem mais ao percurso, mas o transcendem, principalmente, no que diz respeito ao seu último nível. Assim, antes de aprofundar, cabe definir os níveis do percurso gerativo de sentido, analisando o poema *A Catecúmena* paralelamente na próxima seção.

### **3. O Percurso Gerativo de Sentido do Poema *A Catecúmena***

Como seu nome já assinala, o percurso gerativo de sentido se trata de um caminho pelo qual o sentido do texto é gerado, constituído de três etapas conforme Barros (2007, p. 13) explica:

A primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima; No segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito;

O terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

Cada nível tem, de maneira complementar, uma sintaxe “conceptual, em que as relações, ainda que reconhecidamente abstratas, são significantes” (BARROS, 2001, p. 14); e uma semântica “gerativa concebida sob a forma de investimentos sucessivos, dos mais abstratos aos mais concretos e figurativos –, sintagmática, e não apenas taxionômica, e geral” (BARROS, 2001, p. 15).

Analisando o poema *A Catecúmena*, no primeiro nível, a saber, o fundamental, se terá uma estrutura elementar mínima que se constitui de oposições mínimas: profano/corruptível *versus* sagrado/incorruptível, conforme se lê abaixo:

*A Catecúmena*

Se o que está prometido é a carne incorruptível,  
é isso mesmo que eu quero, disse e acrescentou:  
mais o sol numa tarde com tanajuras,  
o vestido amarelo com desenhos semelhante urubus,  
um par de asas em maio é imprescindível,  
multiplicado ao infinito, o momento em que  
palavra alguma serviu à perturbação do amor.  
Assim quero "venha a nós o vosso reino".  
Os doutores da Lei, estranhados de fé tão ávida,  
disseram delicadamente:  
vamos olhar a possibilidade de uma nova exegese  
deste texto. Assim fizeram.  
Ela foi admitida; com reservas. (PRADO, 2012, p. 25).

Note-se que esta estrutura elementar do nível fundamental é o ponto de partida do discurso, pois gera a significação de todo o discurso do poema. O sujeito do discurso desse poema tem uma promessa: a carne incorruptível, ou seja, a santidade, o sagrado, seu objeto de valor, o objeto desejado. A relação do sujeito e do objeto pode ser de disjunção ou de conjunção. No poema em análise, inicialmente, a relação é de disjunção, pois há somente a promessa, mas não a apropriação do objeto de valor pelo sujeito.

No segundo nível do percurso, nas estruturas narrativas, será possível perceber este sujeito em busca de seu objeto de valor sagrado/incorruptível, para entrar em conjunção com ele. Este sujeito “é instigado por um Destinador que é o idealizador da narrativa e ajudado por um Adjuvante ou prejudicado por um Oponente” (BATISTA, 2003, p. 66). No poema, nota-se neste trecho que o sujeito tem alguém que vai lhe dar o seu objeto de valor conforme a promessa: “Se o que está prometido é a carne incorruptível”. Além disso, este sujeito acrescenta mais objetos que deseja ter: “mais o sol numa tarde com tanajuras,/o vestido amarelo com desenhos semelhante urubus,/um par de asas em maio é imprescindível,/multiplicado ao infinito, o momento em que/palavra alguma serviu à perturbação do amor”, ou seja, um lugar de paz e tranquilidade é a idealização.

No entanto, para este sujeito entrar em conjunção com seu objeto de valor, é preciso não só *poder fazer* (performance), como *saber fazer* (competência), uma vez que já há nele um *querer fazer*: “é isso mesmo que eu quero, disse e acrescentou”. A competência pode ser adquirida pelo próprio sujeito ou concedida por outro a este (BARROS, 2001).

Os Doutores da Lei são os oponentes, pois decidem fazer uma nova exegese do texto bíblico “Venha a nós o vosso Reino”, para determinar se, de fato, o Reino de Deus consiste nessa idealização que o sujeito faz de um lugar tranquilo, sem perturbação, ensolarado, um lugar de amor. Esta leitura é perceptível no trecho: “Assim fizeram./Ela foi admitida; com reservas”, pois, a interpretação que se fez do texto sobre o Reino foi acolhida pelo sujeito, mas não totalmente.

Já no terceiro nível, o discursivo, as estruturas narrativas se transformam em discursivas na medida em que o sujeito assume-as a partir de seu ponto de vista, em outras palavras, as estruturas discursivas são analisadas como resultado da enunciação, e o sujeito desta é o condutor do discurso. É neste nível do percurso que “As relações e operações elementares do nível fundamental, já retomadas como transformações, valores e paixões narrativas, apresentam-se, no nível discursivo, como percursos temáticos e figurativos” (BARROS, 2001, p. 18).

Desse modo, após a breve análise dos dois níveis (fundamental e narrativo) do poema, e conforme o objetivo deste artigo, as tematizações e as figurativizações, no nível discursivo deste poema, serão analisadas mais profundamente na próxima seção.

#### 4. Temas e figuras em *A Catecúmena*

Por meio da teoria semiótica textual é possível saber que o nível discursivo se constitui de mecanismos para criar uma ilusão de verdade no texto, a qual pode ser criada, segundo Oliver (2013, p. 143), por meio dos efeitos de “proximidade ou distanciamento”. Conforme se pode ler no poema, para produzir o efeito de distanciamento, utilizou-se a terceira pessoa: “**disse** e **acrescentou**”; no tempo do “agora”, pois os verbos são conjugados no presente do indicativo com o intuito de retratar um fato ocorrido no momento da fala, criando também um efeito de tempo que perdura, como se pode ler no trecho: “é isso mesmo que eu **quero**”; e no espaço “lá”, caracterizado por um lugar não indicado e, possivelmente, na imaginação do enunciador.

Desse modo, vê-se que o poema ganha um caráter subjetivo, porque o enunciador quer fazer o enunciatário crer em seu discurso através de marcas explícitas (ou não) para que este as interprete e desvele seus conteúdos. Estas marcas, estes subentendidos, são uma forma de “dizer sem dizer”, e, para que sejam compreendidos, é preciso

partilhar de conhecimentos como o contexto sócio-histórico e a ideologia do enunciador.

Além disso, observa-se que neste nível discursivo a coerência semântica do discurso se faz possível por meio da tematização e da figurativização. Segundo Fiorin (2014, p. 206),

Na tematização ocorre a disseminação no discurso dos traços semânticos tomados de forma abstrata. Já na figurativização, esses traços semânticos são 'recobertos' por traços semânticos 'sensoriais' (de cor, de forma, de cheiro, de som, etc.) que lhes dão efeito de concretização sensorial.

A figurativização e a tematização, portanto, são procedimentos semânticos de análise discursiva. De acordo com Batista (2003), o primeiro transforma as figuras do plano de conteúdo, e o segundo extrai do discurso os valores abstratos encontrados e organizados no percurso.

No poema *A Catecúmena*, assim como em todos os outros textos de quaisquer gêneros, há marcas temáticas e figurativas, já que se trata da intrínseca relação entre a poesia e a religião (ou mística, como Adélia Prado se refere), e, possivelmente, a tematização se referirá à religião do enunciador.

Ao interpretar o poema, observa-se que, de início, tem-se o título (*A Catecúmena*) significando aquele ou aquela que é instruído acerca da doutrina e moral para ser aceito entre os fiéis. Isso vai ficando explícito à medida que se lê o poema, a exemplo disso, o primeiro e o segundo verso: "Se o que está prometido é a carne incorruptível,/é isso mesmo que eu quero, disse e acrescentou". Evidencia-se o grande desejo do enunciador em ser aceito incorruptivelmente e adquirir um comportamento cristão de acordo com as exigências religiosas, ou seja, adquirir uma identidade num meio social, o religioso. Assim, a tematização pode se desmembrar em:

- a) A busca pela identidade cristã;
- b) A passagem da vida profana à espiritual

c) A incorruptibilidade da carne.

Este percurso temático é recoberto sempre por um percurso figurativo, o “corpo”, justamente o objeto que mais carrega pecados, de acordo com a tradição religiosa cristã. Note-se que o eu lírico não só quer a incorruptibilidade do corpo, mas também “o sol numa tarde com tanajuras,/o vestido amarelo com desenhos semelhante urubus,/um par de asas em maio é imprescindível,/multiplicado ao infinito, o momento em que/palavra alguma serviu à perturbação do amor./Assim quero ‘venha a nós o vosso reino’”. A fim de justificar esta possível perspectiva sobre o poema em análise, usa-se as palavras de Conceição (2009, p. 47), a qual pontua que Adélia Prado

[...] problematiza de forma crítica a teologia cristã corrente e aponta as dificuldades de as esferas magisteriais da fé se libertarem de seus preconceitos em relação a outras experiências, em função das verdades que defendem.

Esta crítica também pode ser lida nos versos: “Os doutores da Lei, estranhados de fé tão ávida,/disseram delicadamente:/vamos olhar a possibilidade de uma nova exegese/deste texto. Assim fizeram./Ela foi admitida; com reservas”. O desejo e a fé ávida do eu lírico são colocados abaixo da exegese feita pelos mestres chamados “doutores da lei”.

Assim, diante das contribuições teóricas e interpretativas, pode-se observar que o poema analisado trata-se de um discurso que tem isotopia e, por isso, coerência temático-figurativa. A isotopia “estabelece as leituras que devem ou podem ser feitas de um texto. Uma leitura não tem origem na intenção do leitor de interpretar o texto de uma dada maneira, mas está inscrita no texto como virtualidade” (FIORIN, 2015, p. 84). Mas, para a Semiótica textual, estas diversas leituras são apenas possibilidades e não determinações, por isso, a identificação de um texto como pluri-isotópico depende muito do plano de leitura utilizado para a análise (FIORIN, 2015). Neste caso, o plano

percorrido foi o percurso gerativo de sentido proposto por Greimas, enfatizando os temas e as figuras presentes no poema de Adélia Prado.

### Considerações finais

Diante do que foi proposto, ficou claro que a arte é necessária ao homem para que ele se compreenda numa totalidade humana, além de possibilitar a humanização da sua própria realidade. Dentro desta realidade, está o instinto religioso que encalça a vida das pessoas e as fazem expressar isso de alguma maneira, inclusive através da arte. Assim, a relação entre literatura e religião passa a se estreitar à medida que o homem externaliza isso de modo explícito ou não.

Tendo em vista que a poetisa escolhida foi Adélia Prado, a mesma se refere a esta relação poesia/mística como dois braços de um mesmo rio, mostrando a origem comum das duas. No poema analisado – *A Catecúmena* – por meio da análise do seu nível discursivo, observou-se que a tematização se configurou a partir da incorruptibilidade da carne, mostrando o desejo de se religar ao sagrado, de ser aceito entre os fiéis, de alcançar uma identidade baseada nos preceitos cristãos. E a figurativização que concretiza este percurso temático é justamente o “corpo”, ou seja, é por meio dele que o sujeito da enunciação consegue entrar em junção com o seu objeto-valor.

Esta análise, portanto, contribuiu para que se entenda que todo texto tem um discurso velado, o qual mostra a ideologia dominante que, no caso do poema analisado, é representada pela religião cristã católica e que, desse modo, evidenciou a forte influência do fenômeno religioso sobre a arte, seja este de qual religião for. Além disso, para Adélia Prado, o que se percebe a partir desta relação poesia/mística é que a poesia é muito mais do que um meio de expressão religiosa e cultural, é feitura do homem ao querer ir para além de seu *eu* e se religar ao que crê ser sagrado.

MACEDO, R. S. Os temas e as figuras no poema "A Catecúmena", de Adélia Prado. Mosaico. São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 645-659, 2017.

## THE THEMES AND FIGURES IN THE POEM "OF CATECHE", BY ADÉLIA PRADO

**ABSTRACT:** This study aims to analyze the discursive level of the poem A Catecúmena, by Adélia Prado, under the prism of Greimasian Semiotics, in order to determine the themes and figures of the poem. This research has as theoretical reference Barros (2007), Durkheim (1989), Greimas (1975), among others. Before the analysis, it was perceptible, through the discursive mechanisms, that the thematization consists in the incorruptibility of the meat and that the author uses as figurativization of this subject the body.

**KEYWORDS:** Greimasian semiotics; Thematization; Figurativization; Religion.

### Referências bibliográficas

BARROS, D. L. P. de. *Teoria do discurso: Fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas/FLLCH/USP, 2001 .

\_\_\_\_\_. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2007.

CONCEIÇÃO, D. R. da. *Religião, literatura e o eu: interfaces do feminino na estética de Adélia Prado*. Mandrágoras, Pará, 2009, p. 35-43.

DURKHEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa*. [Trad. Joaquim Pereira Neto] São Paulo: Paulinas, 1989.

FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à linguística. II. Princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 162.

\_\_\_\_\_. *Em busca do Sentido*. São Paulo: Contexto, 2015.

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido; ensaios semióticos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

COSTA JÚNIOR, J. *Religião e literatura na poética mística de Adélia Prado*. Horizonte: PUC Minas. Belo Horizonte, v. 10, n. 25, p. 120-135. 22/03/2012.

MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. Loyola: São Paulo, 1999.

OLIVER, C. *Chico Buarque: o tempo, os temas e as figuras*. Curitiba: Ática, 2013 p.143.

MACEDO, R. S.

PRADO, A. *Revista dominicana de teologia*. Centro de Estudos Superiores da Ordem dos Pregadores do Brasil, 2009. Disponível em: [http://www.snpcultura.org/vol\\_o\\_poder\\_humanizador\\_da\\_poesia.html](http://www.snpcultura.org/vol_o_poder_humanizador_da_poesia.html). Acesso em: 31/10/2015.

PRADO, A. *Bagagem*. 32 ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

PRADO, A. *Entrevista*. O Estado de São Paulo: Ubiratan Brasil. 2014. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,adelia-prado-retorna-a-poesia-com-miserere,1105245>. Acesso em: 31/10/2015.

VASCONCELOS, S.de A. *Caminhando com o povo: discurso político e ideologia nas malhas da semiótica greimasiana*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8549/1/Suani%20de%20Almeida%20Vasconcelos.pdf> Acesso em: 11 abr 2017.